

# GEOGRAFIA - 3ª Etapa

## O MUNDO BIPOLAR

Adaptado de texto de Wagner de Cerqueira

Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/mundo-bipolar.htm>>



Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), os principais países envolvidos no conflito (França, Reino Unido, Itália, Alemanha e Japão) se encontravam em péssima situação socioeconômica. O cenário de destruição nessas nações era enorme, a infraestrutura estava totalmente abalada, além da grande perda populacional. Apenas Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, apesar dos prejuízos gerados pela participação na Guerra, conseguiram manter uma estabilidade financeira.

Após o conflito, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas anexou vários territórios, aperfeiçoou o desenvolvimento de armas nucleares, ampliou sua área de influência no leste europeu, além de possuir o maior exército do planeta. Os Estados Unidos, por sua vez, destinou créditos financeiros para a reestruturação dos países envolvidos na Segunda Guerra Mundial, ampliou suas zonas de influência e cercou-se de tecnologia para produção de armas nucleares.

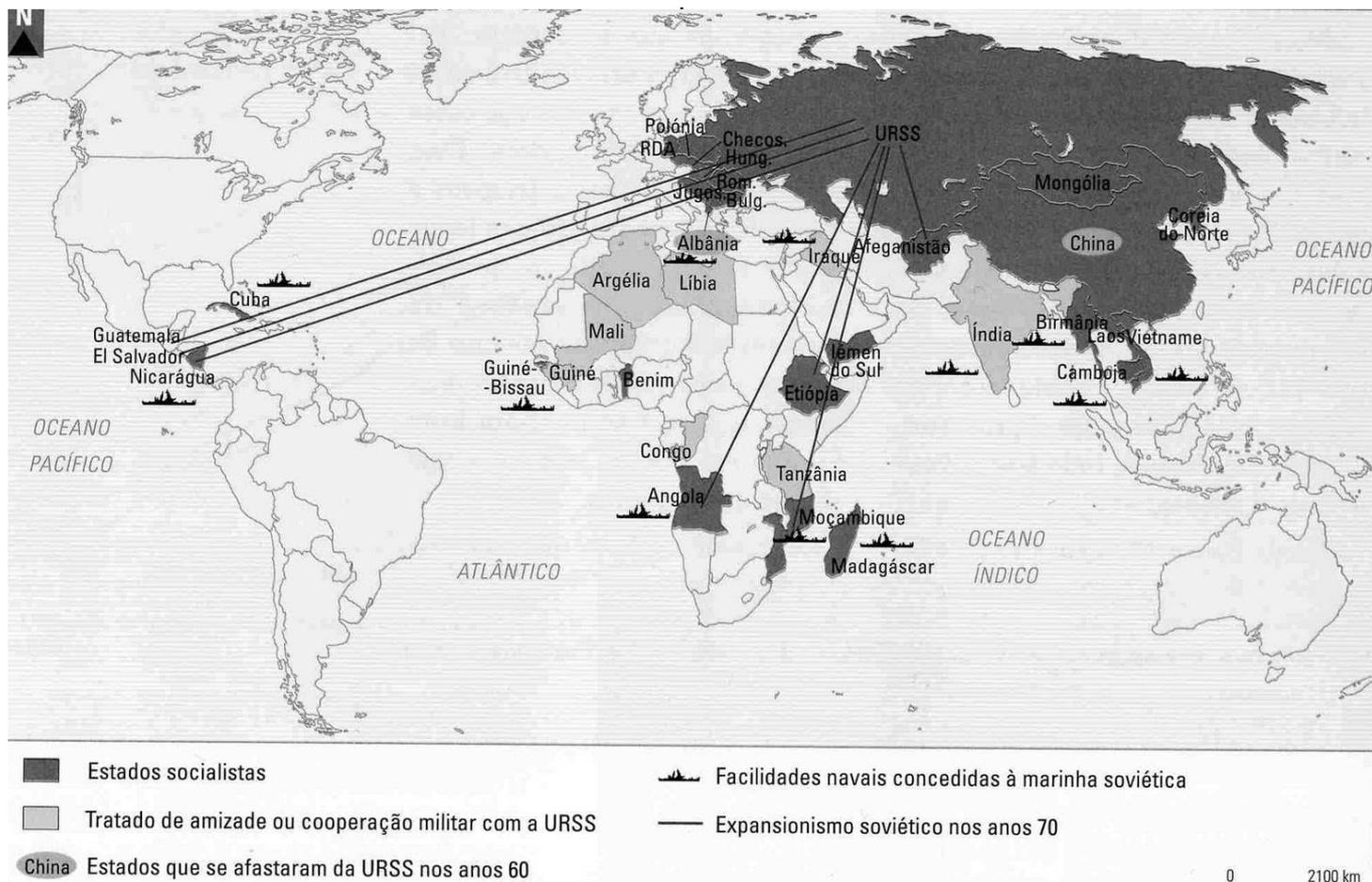
Por esses aspectos em comum, Estados Unidos e URSS passaram a serem consideradas superpotências mundiais. Entretanto, havia um grande diferencial entre essas duas nações – o sistema político: Estados Unidos

(capitalista) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (socialista). Cada um exercendo sua influência na geopolítica global.

Os EUA, através de financiamentos e outras medidas políticas (até mesmo fornecimento de armas), passaram a exercer grande influência sobre os países que optaram pelo sistema econômico capitalista. A URSS utilizou-se dos mesmos critérios para expandir suas áreas de influência. Estabeleceu-se a geopolítica bipolar, interferindo diretamente na política de vários países. Conflitos armados foram impulsionados por essa rivalidade entre as duas superpotências, entre eles estão: a Guerra da Coreia, Guerra do Vietnã, Revolução Cubana, os conflitos no Oriente Médio, conflitos entre grupos separatistas na África, além do apoio a golpes militares, como, por exemplo, a ditadura militar no Brasil, o golpe ao presidente Salvador Allende no Chile, e apoio a políticas ditatoriais em várias nações.

Porém, na década de 1980, a URSS passou por uma grave crise econômica, sendo consequência da própria política adotada. A falta de criatividade e agilidade para modificá-la, a estagnação do setor industrial, queda de produtividade de bens de consumo (alimentos, roupas, etc.), além dos altos gastos com armamentos, levaram a uma defasagem em relação aos avanços alcançados pelos países capitalistas desenvolvidos.

O agravamento da crise do sistema socialista ocasionou um processo de enfraquecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que culminou em 1991, na desintegração desta. Esse fato estabeleceu o fim da Guerra Fria, e, conseqüentemente, da ordem mundial bipolar.



## DO MUNDO BIPOLAR À NOVA ORDEM MUNDIAL

Adaptado de textos de Wagner de Cerqueira e Francisco e de Arlindo Matos de Araújo Júnior

Disponíveis em <<http://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/mundo-bipolar.htm>>

<<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/arlindojunior/geografia007.asp>>

A ordem bipolar se manteve durante mais de quatro décadas, no entanto, a União Soviética começou a enfrentar uma grave crise econômica durante a década de 1980. Esse processo foi desencadeado pela própria política adotada pelo país, em que ocorreu uma estagnação do setor industrial, além da queda de produtividade de bens de consumo e os altos investimentos em armamentos.

O agravamento da crise do sistema socialista ocasionou um processo de enfraquecimento da União Soviética, que culminou na sua fragmentação em 1991. Com isso, houve a unificação da Alemanha, a independência dos países que integravam a URSS e, consequentemente, o fim da ordem geopolítica mundial bipolar.

### A Nova Ordem: triunfo do capitalismo?

A nova ordem mundial apresenta uma faceta geopolítica e outra econômica. Na geopolítica, houve uma mudança para um mundo multipolar, onde as potências impõem mais por seu poder econômico de que bélico. Na economia o que aconteceu de novo foi o processo de globalização e a formação de blocos econômicos supranacionais.

#### *O desmonte da velha ordem bipolar:*

Desde 1989, a humanidade começou a assistir uma série de eventos que até então eram imagináveis. A queda do Muro de Berlim era impensável, bem como a reunificação da Alemanha Ocidental e da Oriental, em 1990. O muro que dividia Berlim e a separação da Alemanha constituíam os principais símbolos da Guerra Fria. Apesar da proximidade geográfica, a mesma origem histórica e cultural havia muitas diferenças na Alemanha. De um lado estava a democracia pluripartidária, a hegemonia da propriedade privada e da livre iniciativa, uma sociedade rica, que apresentava altos índices de

produtividade. Do outro lado, a ditadura do partido único, a exclusividade da propriedade estatal. O consumo limitado e baixos índices de produtividade. Essas diferenças políticas, econômicas e sociais aumentaram cada vez mais. A Alemanha apesar de ser uma só nação, apresentava dois Estados. Era o modelo soviético frente a frente com o modelo estadunidense. Em 1991 houve o fim de outro símbolo da Guerra Fria, o Pacto de Varsóvia. Representantes que faziam parte deste pacto formalizaram a sua dissolução, em Praga, na então Tchecoslováquia. Era o fim do conflito leste x oeste. Por fim, em dezembro de 1991, foi selada desagregação geopolítica e territorial da União Soviética. O presidente Boris Yeltsin declarou a independência da Rússia, e após isso, se reuniu com os chefes de Estado da Ucrânia e de Belarus, em Minsk. Nesse encontro foi criada a CEI (Comunidade dos Estados Independentes), substituindo a ex-União Soviética. Composta por doze países que faziam parte da ex-soviética, a CEI é uma aliança de Estados independentes.

#### *Nova ordem multipolar:*

No mundo multipolar pós-Guerra Fria, o poder é medido pela capacidade econômica do país, que envolve disponibilidade de capitais, avanço tecnológico, mão-de-obra qualificada e nível de produtividade. Isso explica a emergência de Japão e Alemanha como potências, e ao mesmo tempo, a decadência da Rússia. Embora a Rússia seja dona de um poderoso arsenal nuclear, o setor industrial é obsoleto e pouco produtivo, e o país se encontra em crise social, política e econômica. A China possui uma economia que mais cresce no planeta, isso porque possui a maior população do mundo e, portanto, um grande mercado consumidor; além de muita mão-de-obra barata, oferecendo facilidades para atração de capitais estrangeiros. Apesar disso também enfrenta sérios problemas internos, principalmente políticos. Assim, podemos afirmar que os países mais poderosos

do mundo hoje são os Estados Unidos, Japão e Alemanha. Outro aspecto de importância é a tendência da globalização em suas várias facetas, tanto em sentido mundial como regional.

#### *Conflito Norte x Sul:*

Muitos disseram com atenção que a nova ordem mundial é a vitória do capitalismo e da democracia. Alguns argumentavam que o modelo político e econômico, estabelecido pelos Estados Unidos, se tornaria dominante a tal ponto que não haveria mais conflitos. Que houve uma vitória dos Estados Unidos sobre a União Soviética não podemos negar. Mas até mesmo os vencedores apresentam vários problemas econômicos, como por exemplo: elevado déficit público e elevado endividamento interno e externo; isso em parte se deve a corrida armamentista. Assim não devemos nos apressar ao afirmar que o capitalismo é melhor que o socialismo. É preciso primeiro avaliar: melhor para quem? É bem claro que o capitalismo é mais dinâmico e competitivo. Não podemos nos esquecer, porém, de que os países subdesenvolvidos, com exceção da Coreia do Norte, Cuba e Vietnã são todos capitalistas. Muitos problemas no mundo foram criados pelo sistema capitalista, como o aumento da pobreza, desemprego e concentração de riquezas e estes aumentam em todo mundo. Um dos problemas mais sérios é a desigualdade social. Este problema vem se agravando até mesmo em países desenvolvidos. Com o aumento da incorporação de novas tecnologias no processo produtivo, a oferta tem diminuído e isso contribui e muito para se empobrecer a população. Também é cada vez maior o buraco que separa os países ricos dos pobres. Esse é o chamado conflito norte x sul, que é de natureza econômica, é não geopolítica, como era o caso do conflito leste x oeste. Considerando os aspectos socioeconômicos se divide o mundo em países desenvolvidos, Norte, e subdesenvolvidos, ou Sul. Essa não é uma divisão

geográfica, mas podemos dizer que na América a linha divisória é a fronteira dos Estados Unidos com o México; a Europa é separada pelo Mediterrâneo; na Ásia, o Japão é o mais desenvolvido, tendo como os tigres Asiáticos como economias emergentes; Oceania a Austrália e a Nova Zelândia se enquadram no clube dos ricos. Um problema decorrente do conflito entre norte x sul é a migração em massa. Milhões de pessoas a cada ano têm emigrado, principalmente para a Europa Ocidental. Isto se deve ao aumento de desemprego, baixos salários, fome, que estão aliados ao crescimento populacional, além de conflitos e guerras nos países subdesenvolvidos. Tentando solucionar o problema, são feitas cada vez mais exigências para diminuir a entrada de imigrantes e até mesmo de turistas. Mas isso não tem, e não resolverá o problema, pois esse é resultante de desigualdade entre o Norte x Sul, a solução definitiva seria complexa e demorada. Com a instauração de uma nova ordem política e econômica surgem novos problemas, novas tensões. Muitas crises que estão ocultas durante a Guerra Fria vieram a tona. Por isso, quando se fala de uma nova ordem mundial, não quer dizer de um novo mundo em que predomina a paz, a ordem e a estabilidade, mas sim de um novo arranjo geopolítico e econômico. Com a entrada da “Nova Ordem” (em que a capacidade financeira e a tecnologia definem o poder), a instabilidade e a desordem apenas aumentaram.

## GLOBALIZAÇÃO

Adaptado de textos de Nathan Belcavello de Oliveira e Voltaire Schilling

Disponível em <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atuabilidade/globalizacao6.htm>>



A Globalização é um termo que trás consigo uma heterogeneidade de conceitos afirmativos e negativos. Esta diversidade está ligada aos seus vários entendimentos no domínio do senso comum, repleto de ideologias, mitos e dados.

Seu gênese semântico encontra-se nas escolas de administração de empresa estadunidense, sendo Theodore Levitt, da Universidade de Harvard, segundo nos diz Eustáquio Sene (2003), o primeiro a utilizar o neologismo inglês *globalization*, em artigo intitulado *The globalization of markets* (A globalização dos mercados), publicado em 1983 na revista *Harvard Business Review*.

Outra possível origem da palavra *globalização* estaria não na linguagem da Administração, mas na da Comunicação. Sob esta ótica, sua origem deveria ser buscada nos escritos de Marshall McLuhan, teórico canadense das Comunicações, mais especificamente em seu livro *Understanding media: the extensions of man* (Compreendendo a mídia: as extensões do Homem), publicado nos Estados Unidos em 1964.

Seguindo a discussão a respeito do atual estágio do capitalismo (ou seja, a Globalização), são muitos os autores (sobretudo, economistas) que negam sua existência, dizendo que aquilo que assistimos na atualidade nada mais é do que a continuidade do Imperialismo.

Contudo, aqueles autores que questionam a veracidade de um novo período de acumulação

capitalista (que possa se distinguir do Imperialismo) não têm considerado, aparentemente, características principais do fenômeno, deixando de considerar suas materializações no espaço geográfico.

Assim, a globalização seria o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, apoiado sobre um meio técnico-científico-informacional (conceito descrito por Milton Santos), tão bem representado pela grande rede de computadores mundial (a internet), impregnada por sua ideologia, que auxiliou o processo de Globalização na tarefa de difusão sobre o espaço geográfico, homogeneizando as ações do capital globalizado sobre todo planeta.

A globalização pode, assim, ser vista como um período que se caracteriza, entre outros aspectos:

- ✓ Pela incorporação de conteúdos de ciência, tecnologia e informação (novas tecnologias e infraestruturas, tais como: computadores menores e maior capacidade de processamento de dados, telefonia celular, robôs);
- ✓ Pela aceleração dos intercâmbios, sejam eles econômicos (mercadorias), sociais (migrações), políticos (tratados internacionais), ou culturais (idiomas, música, culinária);
- ✓ Pela antecedência do trabalho intelectual sobre o material;
- ✓ Pela rigidez de imperativos organizacionais (organizações internacionais, empresas multinacionais, entre outros);
- ✓ Pela profusão de um discurso de uma modernização indiscutível.

Estes processos criam um novo espaço geográfico que induz a localização de novas infraestruturas e a imposição de novas formas de controle. Dessa maneira, a Globalização, como atual estágio de acumulação do capital, reorganiza o espaço geográfico, conformando-o para a obtenção da mais-valia (lucro) pelas empresas globais.

O processo produtivo mundial é formado por um conjunto de umas 400 a 450 grandes corporações (a maioria delas produtora de automóveis, ligada ao petróleo e às comunicações) que têm seus investimentos espalhados pelos cinco continentes. A nacionalidade delas é majoritariamente americana, japonesa, alemã, inglesa, francesa, suíça, italiana e holandesa. A razão disso é que detêm o monopólio da tecnologia e seus orçamentos (estatais e privados) dedicam imensas verbas para a ciência pura e aplicada.

Politicamente a Globalização se caracteriza pela crescente adoção de regimes democráticos. Um levantamento indicou que 112 países integrantes da ONU, entre 182, podem ser apontados como seguidores (ainda que com várias restrições) de práticas democráticas, ou pelo menos, não são tiranias ou ditaduras. A título de exemplo lembramos que na América do Sul, na década de 1970, somente a Venezuela e a Colômbia mantinham regimes civis eleitos. Todos os demais países eram dominados por militares (personalistas como no Chile de Pinochet, ou corporativos como no Brasil e Argentina). Enquanto que ao final da década de 1990 não temos nenhuma ditadura na América do Sul. Neste processo de universalização da democracia as barreiras discriminatórias ruíram uma a uma (fim da exclusão motivada por sexo, raça, religião ou ideologia). Isso foi acompanhado por uma sempre ascendente padronização cultural e de consumo, por muitas vezes combatidas por fundamentalismos (posições extremistas) de base nacionalista ou religiosa, justificativa para maioria dos conflitos existentes na atualidade, mas que podem envolver (e envolvem na sua grande maioria) interesses econômicos não declarados.

A ONU (Organização das Nações Unidas), que deveria ser o embrião de um governo mundial, foi tolhida e paralisada pelos interesses e vetos das superpotências durante a Guerra Fria. Em consequência dessa debilidade, formou-se uma espécie de estado-maior

informal composto pelos dirigentes dos países do G-7 (os EUA, o Reino Unido, a Alemanha, a França, o Canadá, a Itália e o Japão), por vezes alargado para dez ou vinte e cinco, cujos encontros frequentes têm mais efeitos sobre a política e a economia do mundo em geral do que as assembleias da ONU.

Enquanto que no passado os instrumentos da integração foram a caravela, o galeão, o barco à vela, o barco a vapor e o trem, seguidos do telégrafo e do telefone, a Globalização se faz pelos satélites e pelos computadores ligados na internet.

O domínio da tecnologia por um seletivo grupo de países ricos, porém, abriu um fosso com os demais, talvez o mais profundo em toda a história conhecida. Roma, quando império universal, era superior aos outros povos apenas na arte militar, na engenharia e no direito. Hoje os países-núcleos da globalização (os integrantes do G-7), distam, em qualquer campo do conhecimento, anos-luz dos países subdesenvolvidos.



Ninguém tem a resposta nem a solução para atenuar este abismo entre os ricos do Norte e os pobres do Sul que só se ampliou. Imagina-se que a Globalização, seguindo o seu curso natural, irá enfraquecer cada vez mais os Estados-Nacionais surgidos há cinco séculos atrás, ou dar-lhes novas formas e funções, fazendo com que novas instituições supranacionais gradativamente os substituam. Com a formação dos mercados regionais ou intercontinentais em blocos econômicos (Nafta, União Europeia, o Mercosul, entre outros) e com a consequente

interdependência entre eles, assentam-se as bases para os futuros governos transnacionais que, provavelmente, servirão como unidades federativas de uma administração mundial a ser constituída. Mas muita desigualdade e conflitos precisam ser equacionados antes de se haver um governo mundial...

## A GLOBALIZAÇÃO E O MEIO AMBIENTE

Adaptado de texto disponível em:  
<[http://www.grupoescolar.com/materia/a\\_geografia\\_e\\_o\\_meio\\_ambiente\\_na\\_nova\\_ordem\\_mundial.html](http://www.grupoescolar.com/materia/a_geografia_e_o_meio_ambiente_na_nova_ordem_mundial.html)>

No cenário da Globalização, as questões se tornam cada vez mais mundiais e cada vez menos estritamente locais. Destaca-se, entre essas questões de interesse global, o meio ambiente e a consciência de que a destruição ambiental não traz consequências apenas a um determinado ecossistema de um país ou de um continente, mas para todos os que moram no que se convencionou denominar de “Aldeia Global”.

Devido ao progressivo crescimento populacional, tornou-se necessário o aumento da produção de alimentos, minérios e demais bens de consumo essenciais à manutenção da espécie humana. É evidente, que o atendimento desta demanda gera, obrigatoriamente, impactos ambientais negativos, quer pelo desmatamento de florestas nativas para o plantio, quer pela emissão de resíduos das fábricas, ou ainda, pela movimentação da terra para a extração de minérios entre outros.

Contudo, a maior circulação de mercadorias (como matéria-prima, máquinas, bens industrializados, semi-industrializados, entre outros) leva também à circulação e, até mesmo, à imposição de ideias. Assim sendo, a consciência ecológica, que chegou primeiro aos países desenvolvidos, alcançou também, principalmente por imposição, os países subdesenvolvidos. Esses países, ainda com abundância de recursos naturais (minerais,

fauna e flora), acabam por explorá-los, uma vez que esses recursos representam uma das poucas alternativas de fonte de renda para seus governos e suas populações. Tais países, tradicionalmente, exportadores de matéria-prima para as chamadas nações desenvolvidas (que já esgotaram seus recursos naturais e que produziram uma consciência de preservação ambiental através de uma legislação impeditiva de maior degradação da natureza) necessitam de mudanças nos programas de política ambiental.

Entretanto, os países desenvolvidos conseguiram avanços em suas políticas ambientais, por meio de reivindicações da sociedade civil, desde a década de 1960. Os Estados Unidos foram pioneiros desse movimento, criando a *National Environmental Policy Act* (NEPA) em 1969, que tornou obrigatório a elaboração de Estudos de Impactos Ambientais. A partir de então, os projetos, programas, atividades e propostas de legislações do Governo Federal só poderiam ser executados a partir da aprovação do EIA/RIMA (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental) que seriam elaborados por uma equipe interdisciplinar.

Nesses relatórios, elaboram-se diagnósticos do meio-ambiente, envolvendo os meios físicos, biológicos e antrópicos (humanos) e se definem os impactos, positivos e negativos, considerando os casos de instalação e não-instalação do empreendimento. Os EIA/RIMA devem, ainda, considerar as medidas de controle, mitigação (diminuição do dano) e recuperação ambiental, caso o empreendimento em consideração venha a ser instalado.

Ainda na Conferência das Nações Unidas para o Meio-Ambiente, em Estocolmo no ano de 1972, a questão ambiental, realmente, torna-se problema planetário. Os países desenvolvidos apresentam as implicações da questão ambiental para a questão socioeconômica e propõem, também, maior participação

do cidadão, demonstrando a necessidade da implementação da *educação ambiental* para uma maior consciência ecológica. Porém, só na década de 1980 é que se discute mais sobre o assunto e o EIA/RIMA são implementados a nível mundial.

Na década de 1990, realizou-se a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (20 anos depois da Conferência de Estocolmo). A citada conferência, a ECO 92, foi realizada no Rio de Janeiro de 3 a 4 de junho, onde se reuniram pessoas de várias nações, níveis sociais e intelectuais, como chefes de Estado, cientistas, ambientalistas, ONG's (Organizações Não-Governamentais), jovens, adultos, crianças, índios, entre outros. Na ECO 92 foi discutida uma vasta temática, ligada aos climas globais, às florestas e a biodiversidade. Entretanto, poucos acordos práticos foram alcançados, em virtude dos múltiplos interesses divergentes entre as dezenas de países participantes. Ainda assim, a conferência conseguiu chamar a atenção do mundo para os desmandos contra o meio ambiente, conseguindo-se, após várias discussões, um consenso sobre alguns pontos, como a elaboração da denominada Agenda 21, planejamento que estabeleceu metas e estratégias para a solução e conciliação dos grandes problemas ecológicos com um desenvolvimento harmonioso das sociedades no próximo século.

Mais tarde, outro evento veio acrescentar ao que tinha sido decidido na ECO 92. Esse evento, conhecido como "Rio + 5", realizado no Rio de Janeiro em 1997, teve como objetivo pôr em prática projetos anteriormente estabelecidos na conferência de 1992. Porém, os países subdesenvolvidos, marcados pela sua herança histórico-colonial, trouxeram uma carga de dependência político-econômica, traduzida no comércio e na Divisão Internacional do Trabalho (DIT), que refletiu nas relações econômicas dos dias atuais.

## Relação entre economia e meio ambiente nos países subdesenvolvidos

Assim, para ingressarem na economia global, os países subdesenvolvidos tinham que se submeter às exigências do mercado externo, onde, muitas vezes, exportavam parte de sua produção de matérias-primas. Essa exploração causa a degradação ambiental, tornando-se mais acentuadas nos dias atuais.

Atualmente, além da dependência em relação ao comércio internacional, outra forma de dependência - que está intimamente ligada a anterior - são os vultuosos empréstimos internacionais, que se transformam em gigantescas dívidas externas dos Países Subdesenvolvidos. Esses Empréstimos Internacionais ocorreram concomitante à crise do Petróleo na década de 1970, culminando em elevadas dívidas com o aumento das taxas de juros. Assim, muitos países, inclusive o Brasil, viram-se "presos" às dívidas e aos juros, que, muitas vezes, buscavam novos empréstimos na tentativa de amortecer parte da dívida. Consequentemente, na década de 1980, os credores, como o Banco Mundial e o FMI, começaram a pressionar os países devedores no intuito de que estes redefinissem suas políticas nas áreas econômicas e sociais, recaindo o ônus, principalmente, na área social (inclusive no meio ambiente) na tentativa de pagar a dívida ou parte dela. Porém, esta prática, além de gerar um caos econômico, aumentou ainda mais as desigualdades sociais e que, muitas vezes, provocavam ainda mais a degradação ambiental. Surgiu, assim, um conceito a partir do que propunha Thomas Lovejoy, de "trocar dívida por Natureza". Essa proposta implicava em trocar a dívida externa dos países do Terceiro Mundo por Natureza, ou seja, áreas de floresta, com suas espécies vegetais e animais, passariam ao controle de organizações como o Conservação Internacional (CI) e o Fundo Mundial para a Vida Selvagem (WWF). Com isso, muitos países se viram "obrigados" a promover ações mais eficazes de proteção à natureza, surgindo,

então, leis que tornavam obrigatórios os relatórios de EIA/RIMA para ações de particulares e de Governo. Explica-se, dessa forma, porque muitos países, como o Brasil, começaram a "se preocupar" mais com a questão ambiental.

## A busca da "sustentabilidade"

Outro grande passo para a proteção ambiental, na década de 1990, foi a criação da ISO 14000, que é uma norma de gerenciamento do meio ambiente que visa diminuir ou neutralizar os impactos da produção sobre a natureza, ou seja, seja *sustentável*. O termo sustentável, autossustentável ou desenvolvimento sustentável, foi incorporado à questão ambiental e ao desenvolvimento socioeconômico, como pré-requisito indispensável aos países que se propunham ingressar na globalização. Dessa forma, o crescimento industrial atrelado às questões ambientais num mundo globalizado e a necessidade desse desenvolvimento ser autossustentável tende a tornar-se, progressivamente, num paradigma. O desenvolvimento sustentável tornou-se popular a partir de uma Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento nomeada na década de 1980 pela primeira-ministra norueguesa Gro-Harlem Brundtand, sendo *um processo de desenvolvimento onde os recursos naturais são usados de forma racional para manter as condições de vida adequadas para as gerações atuais e futuras*.

Nesse caso, os países e as empresas precisam mostrar que estão "ecologicamente corretos", utilizando as chamadas "tecnologias limpas", modificando os processos e/ou os produtos, a fim de se adaptarem às mudanças atuais, para se manterem competitivos no mercado internacional.

Para a confirmação das chamadas tecnologias limpas, a ISO 14000 fornece certificados dos sistemas de gerenciamento ambiental que abrange seis áreas: sistemas de gerenciamento, auditorias, avaliação do

desempenho, rotulagem e análise do ciclo de vida e aspectos ambientais relacionados a produtos.

Porém, toda problemática da questão ambiental, questionada nos países subdesenvolvidos, tiveram precedentes a partir da política econômica estabelecida pelos países desenvolvidos, os quais implementam a tecnologia aplicada nas sedes de suas empresas (implantados no mundo desenvolvido), ao passo que as filiais espalhadas pelo mundo subdesenvolvido são desprovidas de tecnologias adequadas para uma maior proteção ao meio ambiente.

## BLOCOS ECONÔMICOS

Adaptado de textos de Cláudio Mendonça e Nairim Bernardo

Disponíveis em <<http://educacao.uol.com.br/geografia/blocos-economicos.jhtm>> e

<[https://novaescola.org.br/conteudo/4945/o-que-esta-acontecendo-com-os-](https://novaescola.org.br/conteudo/4945/o-que-esta-acontecendo-com-os-blocos-economicos)

[blocos-economicos](https://novaescola.org.br/conteudo/4945/o-que-esta-acontecendo-com-os-blocos-economicos)>

### Origem do processo

A formação de blocos econômicos regionais em modalidades semelhantes às existentes no mundo atual ocorreu, pela primeira vez, próximo ao final da Segunda

Guerra Mundial, com a criação do Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo). Após a guerra, a ideia de integração econômica baseada em uma economia supranacional começou a ganhar força na Europa Ocidental.

Diante da perspectiva de concorrer com os Estados Unidos, fazer frente ao crescimento da União Soviética e reduzir o risco de os nacionalismos provocarem novos conflitos, os países europeus firmaram uma série de acordos com o objetivo de unir o continente, reestruturar, fortalecer e garantir a competitividade de suas economias.

Posteriormente, a experiência europeia foi estendida a outros continentes e foram desenvolvidas várias iniciativas de integração regional. Entretanto, a única que teve permanência e consistência em suas ações foi a Comunidade Econômica Europeia (CEE), transformada em 1992 em União Europeia (UE).

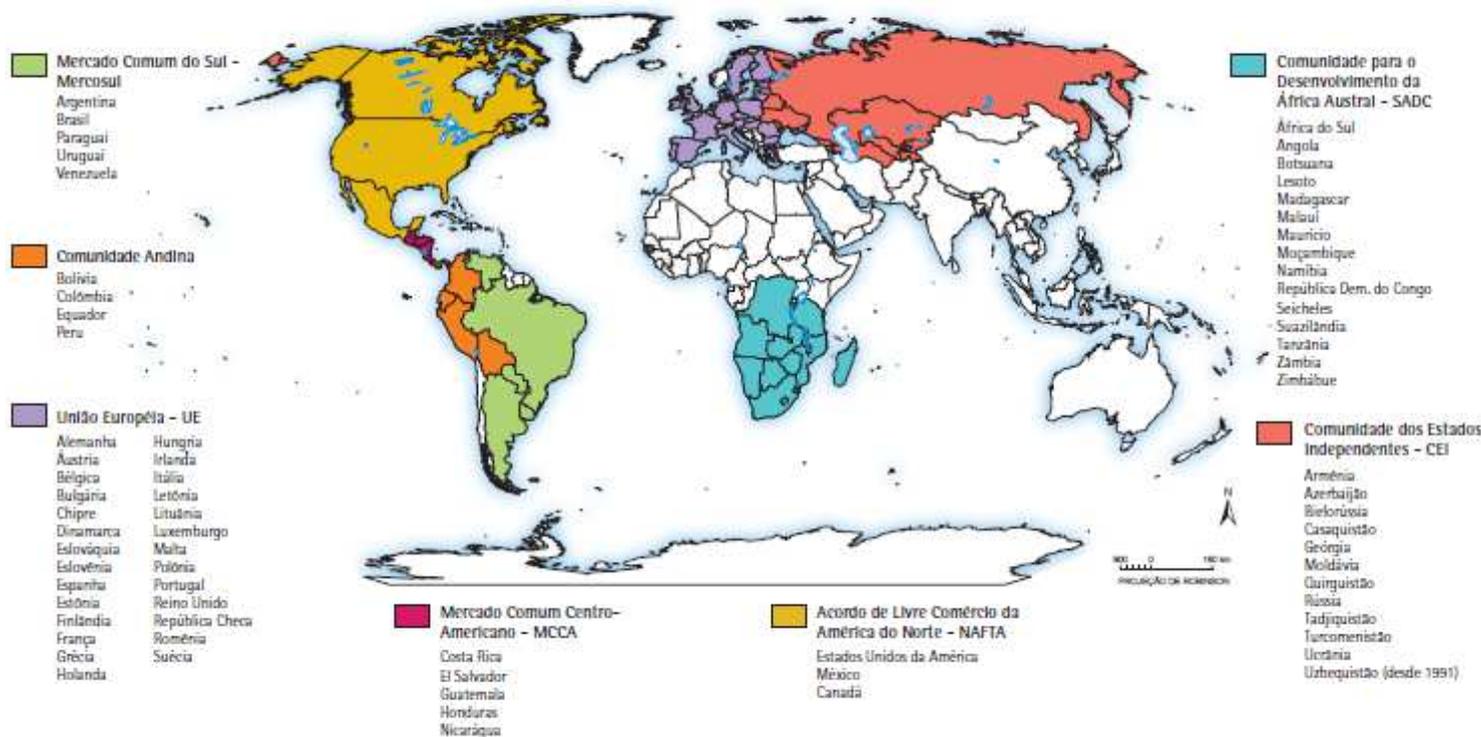
### Modalidades de integração regional

Os blocos econômicos existentes no mundo são



## Blocos Econômicos - 2011

IBGE  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística



classificados a partir dos acordos estabelecidos entre eles, e podem ser agrupados em:

- ✓ *Zona de preferência tarifária* - é o processo mais simples de integração em que os países pertencentes ao bloco gozam de tarifas mais baixas do que as tarifas aplicadas a outros que não possuem acordo preferencial. É o caso da **ALADI** (Associação Latino-Americana de Integração);
- ✓ *Zona de livre comércio* - reúne os países através de acordos comerciais que visam exclusivamente à redução ou eliminação de tarifas aduaneiras entre os países-membros do bloco. Só é considerada uma Zona de Livre Comércio quando pelo menos 80% dos bens são comercializados sem taxas alfandegárias. O principal exemplo é o **Nafta** (Acordo de Livre Comércio da América do Norte), formado por Estados Unidos, Canadá e México;
- ✓ *União aduaneira* - é um estágio mais avançado de integração. Além dos países eliminarem as tarifas aduaneiras entre si, estabelecem as mesmas tarifas de exportação e importação TEC (Tarifa Externa Comum) para o comércio internacional fora do bloco. A união aduaneira exige que pelo menos 85% das trocas comerciais estejam totalmente livres de taxas de exportação e importação entre os países-membros. Apesar de abrir as fronteiras para mercadorias, capitais e serviços, não permite a livre circulação de trabalhadores. O principal exemplo é o **Mercosul** (Mercado Comum do Sul), composto por Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela (em processo de entrada no Mercosul). Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador são países associados ao Mercosul, ou seja, participam do livre comércio, mas não da união aduaneira;

✓ *Mercado comum* - visa à livre circulação de pessoas, mercadorias, capitais e serviços. O único exemplo é a **União Europeia**, que, além de eliminar as tarifas aduaneiras internas e adotar tarifas comuns para o mercado fora do bloco, permite a livre circulação de pessoas, mão-de-obra, capitais e todo tipo de serviços entre os países-membros. A UE é formada por 27 membros, após a adesão de 10 novos países, em maio de 2004. Em 2007, incluíram-se também Romênia e Bulgária na União Europeia;

✓ *União econômica e monetária* - é formada pelos países da **União Europeia**, que, em 1º de janeiro de 2002, adotaram o Euro como moeda única. Apenas 13 países pertencem à zona do Euro: Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos), Portugal, Grécia, Espanha e Eslovênia.

### Vantagens e desvantagens

Em todas as modalidades de integração supranacional, ocorre a redução ou eliminação das tarifas ou impostos de importação entre os países-membros. Por isso, os países que integram esses blocos (zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum ou união econômica e monetária) adotam, logo de início, a redução das tarifas de importação de várias mercadorias.

Neste sentido, os acordos de integração econômica trazem uma série de consequências para as empresas e a população dos países que integram estes blocos. Os consumidores podem se beneficiar dos produtos mais baratos que entram no país. No entanto, muitos desses consumidores podem ser prejudicados com o desemprego, em virtude da falência ou diminuição da produção das empresas nas quais trabalhavam, pois muitas delas não conseguem concorrer com os produtos mais baratos que vêm dos outros países com os quais são mantidas alianças.

Dessa forma, no âmbito das empresas e da sociedade num país que compõe um bloco, há ganhadores e perdedores. Mas, apesar dessas implicações, os blocos econômicos, de modo geral, têm atuado sem que haja maior participação da sociedade nas decisões. Estas são tomadas pelos governantes e pela elite econômica. No caso da UE, decisões mais importantes, na maioria dos países, são tomadas após consulta à população através de plebiscitos. Exceção à UE, não é este processo que ocorre no resto do mundo.

### **Reino Unido fora da União Europeia**

O Reino Unido passa atualmente por um processo de saída da União Europeia (nunca antes um país deixou o bloco). Em um plebiscito, o resultado foi apertado: 52% dos votantes foram favoráveis a esse processo. O motivo é o fato da população britânica ver mais prejuízos do que ganhos nessa relação. “Boa parte da população considera que o Reino Unido está perdendo sua característica culturais, que há muitos imigrantes indesejados e que a União Europeia possui regras demais. Com essa separação, o Reino Unido, que sempre tiveram uma grande tradição de negociar com o mundo, pretende ter mais liberdade para estabelecer acordos internacionais”, explica Marcos.

### **Entra e sai da Venezuela no Mercosul**

Em 2006, a Venezuela solicitou ingressar no bloco para aumentar a integração comercial, econômica e política com o grupo. O pedido só foi aprovado em 2012. Entretanto, o país vive hoje uma intensa crise política. Em 9 de março, o Tribunal Superior de Justiça decidiu assumir as competências do Parlamento. Durante os protestos, houve mortes e prisões políticas. Tal ação classificaria o país como antidemocrático, o que vai contra as regras para participação no Mercosul. Por isso, os países fundadores do bloco – Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai – estão pressionando o presidente

Nicolás Maduro por mudanças. Por isso, e também devido a outros acordos não cumpridos, a Venezuela está suspensa do bloco e poderá ser expulsa. “A saída é um processo mais político do que econômico ou de integração regional e não tem muitas consequências diretas para o Brasil”, explica Filipe Figueiredo.

## **CONFLITOS MUNDIAIS CONTEMPORÂNEOS**

Adaptado de textos de Sami Andrade e Brasil Escola  
Disponíveis em <<http://blogdodgeohistoria.blogspot.com/2008/07/os-conflitos-contemporneos-o.html>>  
<<http://www.brasilecola.com/historia/terrorismo.htm>>

Hoje em dia é possível afirmar que devido à interdependência econômica entre os países, e a existência de mecanismos supranacionais de negociação como a ONU (apesar de estar desmoralizada depois da guerra do Iraque), a possibilidade de guerra entre os países do mundo desenvolvido parece ser cada vez menor.

Assiste-se, no entanto, na era pós-guerra fria, a um ressurgimento de movimentos nacionalistas que se julgavam superados. Também uma multiplicação de conflitos localizados, especialmente em países periféricos e em alguns dos países que compunham o bloco socialista, pois foi no seu interior que se manifestou uma série de confrontos armados de cunho nacionalista que surpreenderam o mundo, pela violência que desencadearam.

Para melhor compreender cada um desses conflitos é preciso entender primeiro três conceitos base:

1) Nação – Nação é um conjunto de pessoas, ou povo, que têm as mesmas origens históricas, a mesma cultura e uma identidade em comum.

2) Território – É uma parte do Espaço Geográfico delimitado por fronteiras e mantido através de relações

de poder.

3) Estado – É o poder centralizado que comanda o Território e que pode representar, muitas vezes, a nação.

### **Tipos de Conflito**

Os conflitos são classificados em quatro categorias, de acordo com as forças em luta.

- ✓ *Guerra entre Estados*: Embate entre exércitos nacionais regulares. Até o final de 2000, o mais sério deles é a disputa entre Índia e Paquistão, duas potências nucleares, pela posse da região da Caxemira. Vários países do centro e do sul da África também intervêm na guerra civil em curso na República Democrática do Congo (RDC).
- ✓ *Guerra civil ou guerrilha*: Conflito em que grupos armados ambicionam derrubar o governo de um determinado país. Um dos mais expressivos são as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que controlavam uma área desmilitarizada de 42 mil km<sup>2</sup> no país vizinho ao Brasil.
- ✓ *Separatismo por ocupação estrangeira*: Confronto provocado por uma invasão militar externa. Nessa categoria, merece destaque a reivindicação dos palestinos pelo reconhecimento de um Estado independente nos territórios ocupados por Israel em 1967 - Faixa de Gaza e Cisjordânia. O conflito separatista em Timor Leste chega ao fim em 1999, com o reconhecimento da independência desta ex-colônia portuguesa pela Indonésia.
- ✓ *Separatismo no interior de um Estado*: Choque entre forças oficiais e movimentos internos (em geral ligados a minorias étnicas ou religiosas) que tem como objetivo a formação de Estados independentes. É o caso da guerrilha separatista ETA (Pátria Basca e Liberdade), partidária da soberania do País Basco, região encravada entre a Espanha e a França.

Os conflitos podem também ter forte conotação

étnica ou religiosa. A origem religiosa distinta é fonte de tensão no Sri Lanka, onde tâmeis (hinduístas) e cingaleses (budistas) estão em luta desde os anos 80.

Ao todo, 36 confrontos armados estavam acontecendo no mundo em 2000, segundo o anuário *The Military Balance*, publicado pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS, em inglês), com sede em Londres, no Reino Unido. Deste total, 27 são conflitos internos e nove guerras internacionais. O número de mortos ultrapassa 100 mil, sendo que 60% das fatalidades ocorrem em solo africano. O fato de maior destaque no cenário internacional é a ruptura do processo de paz entre palestinos e israelenses no Oriente Médio, com a eclosão dos mais violentos choques na região desde a Intifada.

### **O terrorismo como forma de conflito**

Em suas muitas manifestações, o terrorismo é um dos pesadelos da civilização moderna, por seu componente de irracionalidade, amplitude de suas consequências e impossibilidade de prevenção. Sua motivação varia da genuína convicção política à ânsia pessoal de afirmação, mas o resultado é sempre a morte, a mutilação e a destruição.

Terrorismo é o uso sistemático do terror ou da violência imprevisível contra regimes políticos, povos ou pessoas para alcançar um fim político, ideológico ou religioso.

No passado, as ações terroristas foram realizadas por organizações políticas com ideologias de direita ou de esquerda, grupos étnicos, nacionalistas ou revolucionários e pelos exércitos e polícias secretas de certos governos. Mais tarde, a esses grupos somaram-se os partidários de seitas religiosas fundamentalistas.

O uso do terror foi abertamente defendido por Robespierre como forma de incentivar a virtude revolucionária durante a revolução francesa, o que levou o período em que teve o domínio político a se chamar

reino do terror. Depois da guerra civil americana, sulistas inconformados criaram a organização terrorista Ku Klux Klan para intimidar os negros e os partidários da reconstrução do país.

Na segunda metade do século XIX, o terrorismo foi adotado como prática política pelos anarquistas da Europa ocidental, Rússia e Estados Unidos, na suposição de que a melhor maneira de realizar a mudança revolucionária social e política era assassinar pessoas em posições de poder. De 1865 a 1905, numerosos reis, presidentes, primeiros-ministros e outros funcionários governamentais foram mortos pelas balas ou bombas dos anarquistas.

No século XX, ocorreram grandes mudanças no uso e prática do terrorismo, que se tornou a característica de movimentos políticos de todos os tipos, desde a extrema-direita à esquerda mais radical. Instrumentos precisos, como armas automáticas e explosivos detonados a distância por dispositivos elétricos ou eletrônicos deram aos terroristas uma nova mobilidade e tornaram mais letais suas ações.

O terrorismo foi adotado como virtual política de estado, embora não reconhecida oficialmente, por regimes totalitários como os da Alemanha de Hitler e a União Soviética de Stalin. Nesses países, os métodos de prisão, tortura e execução foram aplicados sem restrições ou fundamento legal, para criar um clima de medo e encorajar a adesão à ideologia nacional e aos objetivos sociais, econômicos e políticos do regime.

O terrorismo identificou-se mais comumente, no entanto, com pessoas ou grupos que tentaram desestabilizar ou derrubar instituições políticas existentes. Foi usado por um ou ambos os lados em conflitos anticolonialistas (entre Irlanda e Reino Unido, Argélia e França, Vietnã e França e depois Vietnã e Estados Unidos, por exemplo); em disputas entre diferentes grupos nacionais sobre a posse contestada de uma pátria (palestinos e Israel), em conflitos entre

diferentes credos religiosos (católicos e protestantes na Irlanda do Norte); em conflitos internos entre forças revolucionárias e governos estabelecidos (Malásia, Indonésia, Filipinas, Irã, Nicarágua, El Salvador, Argentina); e em conflitos separatistas (bascos na Espanha, sérvios na Bósnia e Herzegovina, chechenos na Rússia).

Frequentemente, as vítimas do terror são cidadãos escolhidos ao acaso ou que apenas se encontram inadvertidamente no lugar onde ocorre uma ação terrorista. Muitos grupos terroristas da Europa contemporânea se assemelham aos anarquistas do século XIX em seu isolamento das principais correntes políticas e a natureza pouco realista de seus objetivos. Sem base de apoio popular, substituem atividades políticas legítimas pela ação violenta, como sequestro de pessoas, desvio de aviões, assassinato de civis e explosão de bombas em lugares públicos.

Organizações como a Baader-Meinhoff (Alemanha), o Exército Vermelho (Japão), as Brigadas Vermelhas (Itália), a al-Fatah (Oriente Médio), o Sendero Luminoso (Peru) e a ETA (Espanha) tornaram-se alguns dos mais conhecidos grupos terroristas da segunda metade do século XX. Sua motivação era política e sua atuação foi mais intensa a partir da década de 1970. Na década de 1990, surgiu uma nova modalidade de terrorismo, de impacto ainda maior: o terrorismo de massa, com motivação aparentemente religiosa ou política de cunho fanático.

Os progressos tecnológicos e a difusão dos conhecimentos técnicos possibilitam a realização de atos terroristas com o uso de armas químicas, bacteriológicas ou biológicas, que podem disseminar a morte ou a contaminação de doenças em massa nos grandes centros urbanos de qualquer país. As razões ideológicas aparentemente deram lugar ao fanatismo religioso, especialmente dos seguidores de líderes messiânicos que divulgam ideias apocalípticas ou salvacionistas radicais.



Ataque às Torres Gêmeas no dia 11 de setembro de 2001 e desfile de “Homens-bomba” na Palestina, formas de terrorismo contemporâneo.

## OS REFUGIADOS E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO GLOBALIZADO

Adaptado de textos de Giba

Disponíveis em <<http://blog.mundoedu.com.br/os-refugiados-e-a-construcao-do-mundo-globalizado/>>

<<http://blog.mundoedu.com.br/os-cinco-muros-que-dividem-populacoes-no-mundo-atual/>>

A Europa vive a maior onda de migrações de refugiados desde o final da Segunda Guerra Mundial. Todos os dias, milhares de pessoas tentam entrar no continente europeu fugindo da fome na África ou da guerra na Síria. Famílias buscam melhores condições para suas crianças, para que não precisem fugir do território que ajudaram a construir.

### **Você já percebeu que o mundo foi construído por refugiados?**

Quando a Europa se vê diante da maior onda de refugiados desde a 2ª Guerra Mundial, em meio a demonstrações de solidariedade emocionante e de egoísmo indignante, é interessante lembrar o gigantesco papel que os refugiados desempenharam na construção de nosso mundo. As populações se movem constantemente, devido à guerra, aos desastres, à fome, à pobreza; alguns são refugiados políticos, outros viajam de uma parte do país para outra, como aconteceu nos Estados Unidos ou na China.

Hoje, fogem principalmente da fome e da miséria da África, onde milhares de pessoas se jogam em

embarcações precárias e superlotadas com destino à Itália ou Grécia. Outros tantos, fogem da Síria, dominada pelas forças do ditador Bashar Al-Assad ou pelos inimigos do regime, os terroristas do Estado Islâmico. Sem muitas opções, se amontoam em pequenos botes ou barcos de pesca em direção às ilhas gregas.

Mas os exemplos são infinitos: centenas de milhares de húngaros fugiram de seu país em 1956 durante a invasão soviética, entre 2 e 3 milhões de pessoas saíram da Rússia depois da Revolução de Outubro. Estima-se que 60 milhões seja o número de europeus que viajaram para a América entre 1820 e 1920. A guerra civil espanhola, os enormes movimentos populacionais depois do fim da 2ª Guerra Mundial, os 3 milhões de vietnamitas e cambojanos que escaparam no genocídio nos anos sessenta, os 2 milhões de bósnios...

Sem falar dos nossos retirantes. Milhares de pessoas que fugiram da seca no nordeste do Brasil em busca de melhores condições em regiões distantes do seu local de nascimento. No sudeste, representaram um dos motores da economia urbano-industrial brasileira. Não abandonaram seu país, mas sua região, e ajudaram a construir o que chamamos de Brasil.

O que seria do sudeste brasileiro sem os nordestinos? E do sul do Brasil sem os italianos, alemães e poloneses? Ou talvez da Califórnia sem os latinos? O mesmo vale para a Europa atual com a chegada desse contingente de sírios, turcos, nigerianos, etíopes, argelinos, entre outros.

Não se pode conceber que em plena globalização as pessoas enfrentem tantos obstáculos para trocarem de país. No noticiário das últimas semanas, ouvi que a União Europeia vai liberar mais alguns milhões de euros para a construção de mais cercas e muros na fronteira da Hungria com a Sérvia, enquanto o Papa Francisco aconselhou que cada paróquia europeia acolha uma família refugiada. Bom, é necessário que os líderes das principais potências olhem com cuidado para a situação

dos refugiados. Uma ação de acolhimento pode estimular mais milhões de pessoas a buscarem o mesmo caminho. Uma ação de contenção fere os direitos humanos e representa mais um empecilho nas já tão sofridas vidas dessas pessoas.

E depois que eles entrarem, como será a relação com os nativos? Em alguns países criam muros físicos para dificultar a entrada de imigrantes e alguns muros sociais e políticos para a convivência depois da entrada. O estrangeiro representa muitas vezes o “ladrão de empregos”, o qual pode alterar as raízes cristãs da Europa.

Enfim, em um mundo dito globalizado, parece que “viver sem fronteiras” é apenas uma bela frase para ser usada em propaganda de celular.

### **Os muros que dividem populações no mundo atual**

O sonho de viver em uma realidade vista apenas nos filmes e livros, em um novo mundo cheio de oportunidades, emprego e música romântica, pessoas educadas, cheirinho de pão novo e garrafas de leite em sua porta ao amanhecer.

O que é preciso entender que nem todo mundo é aceito “na boa” em países ricos. Pelo contrário, é cada vez mais comum que os naturais desses países encarem o imigrante como um ladrão de empregos, visto que vai disposto a trabalhar por salários bem mais baixos que a média local, porém melhores do que no seu país de origem.

Infelizmente, vem crescendo principalmente em países europeus o sentimento de *xenofobia*, isto é, aversão a pessoas e/ou hábitos estrangeiros, e se traduz na forma de pequenos atos cotidianos de discriminação, leis restritivas, a grandes atos de violência contra imigrantes.

Mas você pode perguntar: Mas os países ricos não precisam de mão de obra com baixa qualificação para empregos que suas populações não desejam? A

resposta é sim, precisam, mas nem sempre querem. Na verdade querem trabalhadores invisíveis, que falem baixo, não frequentem seus restaurantes e não namorem suas filhas. Silenciosa e sutil como um rinoceronte em uma loja de porcelanas. Esta é a *xenofobia*.

Em 2005, o então ministro do interior francês, Nicolas Sarkozy afirmou que a culpa do desemprego entre os jovens franceses era da escória da periferia, onde moram os imigrantes e seus filhos que, mesmo tendo nascido na Europa não tem direito à cidadania. Dois anos depois o mesmo Sarkozy foi eleito presidente pelos franceses, leia-se brancos cristãos. Se ele pudesse construiria um muro entre a França e suas antigas colônias eu teimam em mandar a cada ano milhares de pessoas para “roubar” postos de trabalho dos pobres e indefesos franceses.

Falando em muros, temos vários. Alguns mais famosos outros, nem tanto. Temos uma das maravilhas do mundo moderno, a Muralha da China construída a partir de 220 a.C. e ampliada nos séculos seguintes, os 6.700km de extensão, objetivava conter invasões bárbaras e garantir o domínio chinês sobre o “Império do Centro”, ou ainda o Muro de Berlim, símbolo do mundo bipolar e derrubado em 1989. Mais do que elementos físicos na paisagem, os muros representam elementos políticos extremamente importantes para a compreensão do mundo ao nosso redor.

A partir desse contexto destacamos dois muros atuais que dividem populações no mundo.

#### *Cisjordânia-Israel*

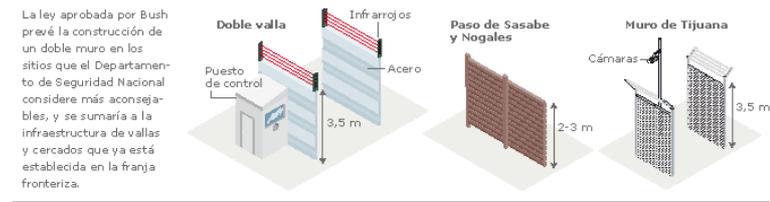
O Muro da Cisjordânia — ou “Muro da Vergonha”, como é chamado pelos críticos da ocupação israelense — começou a ser construído em 2002, período da Segunda Intifada, e separa Israel do território palestino da Cisjordânia. Na época, foi dito que o intuito era impedir a entrada de palestinos para prevenir atos de terrorismo. Os que se opõem à barreira denunciam que o

muro é uma ferramenta utilizada por Israel para, além de interditar as negociações de paz por estabelecer unilateralmente novas fronteiras, também anexar gradualmente porções do território palestino, muitas das quais passaram a abrigar assentamentos israelenses. Atualmente, a parede de concreto, ferro e arame farpado tem cerca de 440 quilômetros de extensão — se a construção da barreira for finalizada, cercando todo o território da Cisjordânia, o muro se estenderá para aproximadamente 700 quilômetros.



clandestinamente pessoas pela fronteira, Washington começou estabelecer barreiras físicas entre as cidades de El Paso e Ciudad Juárez, e também entre San Diego e Tijuana. Com os ataques de 11 de Setembro de 2001, os EUA apertaram ainda mais o cerco, temendo que terroristas pudessem entrar em território norte-americano via México.

Así quedará la frontera México-Estados Unidos



Fuente: Reuters elmundo.es



EUA-México

O muro construído pelos Estados Unidos na fronteira com o México é o símbolo da política anti-imigração norte-americana. Num esforço contra os chamados “coiotes”, responsáveis por atravessar